

REFLEXÕES SOBRE A IDENTIDADE NACIONAL EM JOSÉ INGENIEIROS.

Maria Emilia Prado.

Universidad do Estado do Rí do Janeiro, Brasil. E-mail: emiprado@gmail.com

Recibido: 10 Agosto 2011 / Revisado: 18 Agosto 2011 / Aceptado: 25 Agosto 2011 / Publicación Online: 15 Octubre 2011

Resumo: Este texto é parte de um projeto destinado a resgatar as concepções formuladas por Alberto Torres, Oliveira Vianna, Haya de La Torre, Mariátegui e José Ingenieros sobre: identidade nacional, estado e organização nacional. O artigo tem por objetivo compreender como Ingenieros, médico, sociólogo e escritor nascido na Itália, mas cuja produção intelectual se deu em Buenos Aires, compreendeu o tema da identidade nacional. Preocupado com a construção na Argentina de uma produção intelectual voltada para as questões nacionais, a obra de Ingenieros marcou, profundamente, a vida acadêmica argentina dos anos de 1910 a 1920. Tendo escrito sobre temas os mais diversos, Ingenieros destacou-se, porém, pela influência que exerceu entre os estudantes que protagonizaram a Reforma Universitária de 1918.

Palavras chave: intelectuais, nação, identidade nacional.

Este trabalho integra um projeto de pesquisa que tem por objetivo realizar uma releitura das obras de um conjunto de intelectuais, cujos textos ocupam lugar de destaque no cenário do pensamento político e social brasileiro e hispano-americano. Esses intelectuais são: os brasileiros Alberto Torres¹ e Oliveira Vianna²; os peruanos Mariátegui³ e Haya de La Torre⁴ e o argentino José Ingenieros⁵.

De maneira geral a obra desses autores tem sido analisada buscando classificá-las no interior de determinada corrente de pensamento. Assim Alberto Torres e Oliveira Vianna são considerados expoentes do pensamento

autoritário no Brasil. Mariátegui, expressão do pensamento socialista e/ou marxista latino-americano, Haya de la Torre o formulador de idéias e práticas populistas e Ingenieros o representante do positivismo argentino. Autores e obras são avaliados a partir de um vies ideológico. Esta forma de conceber o estudo das idéias e dos intelectuais resultou, por exemplo, no ostracismo da produção de Alberto Torres e Oliveira Vianna, porque considerados portadores de um discurso conservador e autoritário⁶. No caso dos pensadores hispano-americanos, Mariátegui, Haya de la Torre e José Ingenieros, ainda que seu estudo não tenha sido relegado ao ostracismo nas últimas décadas, a semelhança do ocorrido com os autores brasileiros, as análises permaneceram nos limites de abordagens que privilegiavam, por exemplo, aspectos ideológicos ou o alinhamento a algum sistema de pensamento: liberalismo, positivismo, marxismo etc... Há ainda que se destacar o pouco interesse despertado no Brasil pelo estudo e análise de intelectuais de língua espanhola⁷. Menor interesse ainda pode ser detectado para a realização de estudos comparados, fossem referentes à produção e circulação das idéias, condições da produção ou ainda no tocante à linhagem de pensadores, temas etc⁸.

É necessário indicar, ainda, as razões que levaram a escolha dos intelectuais e dos decênios de 1910 e 1920. Buscou-se eleger aqueles autores cujas obras tiveram impacto no cenário intelectual bem como no processo político de seus respectivos países. As décadas de 1910 e 1920 foram escolhidas porque se constituíram num tempo caracterizado pela substituição do conceito de progresso, que vigorou em boa parte do século XIX, pelo de modernização. Isto ocorreu não apenas no Brasil

e na América Latina, mas, também em boa parte da Europa e dos Estados Unidos. Isto gerou intensa atividade intelectual na busca por questionar os problemas nacionais e encontrar soluções que pudessem despertar governos e sociedade.

O trabalho a ser desenvolvido terá um duplo escopo. Pretende-se resgatar as concepções formuladas por cada um dos intelectuais sobre: identidade nacional, estado e organização nacional e ao mesmo tempo realizar uma comparação acerca do modo como esses conceitos foram trabalhados por intelectuais brasileiros e hispano-americanos. Particularmente, neste artigo objetiva-se apresentar o modo o argentino José Ingenieros compreendeu o tema da identidade nacional na Argentina das primeiras décadas do século XX.

A DEFESA DA CULTURA NACIONAL A “ARGENTINIDAD” EM JOSÉ INGENIEROS.

José Ingenieros nasceu em Palermo, Itália em abril de 1877 e faleceu em Buenos Aires em outubro de 1925. Médico, psiquiatra, psicólogo, escritor e sociólogo. Em 1892, após ter finalizado seus estudos secundários, fundou o periódico *La Reforma*. Em 1903 a Academia Nacional de Medicina o premiou por *Simulación de la locura* (sequência de sua tese editada em livro). Converteu-se em destacado membro da Cátedra de Neurología a cargo de José María Ramos Mejía e no Servicio de Observación de Alienados de la Policía de la Capital, do qual chegou a ser seu diretor. Entre 1902-1913 dirigiu os arquivos de Psiquiatria e Criminologia e assumiu o cargo do Instituto de Criminologia da Penitenciaria Nacional de Buenos Aires, alternando seu trabalho com conferências em universidades européias. Seus ensaios sociológicos, *El Hombre Mediocre* e ensaios críticos e políticos, como *Al margen de la ciencia*, *Hacia una moral sin dogmas*, *Las Fuerzas Morales*, *Evolución de las ideas argentinas* e *Los Tiempos Nuevos* tiveram um grande impacto no ensino universitário na Argentina e obtiveram uma adesão entre a juventude latinoamericana, especialmente entre os estudantes que protagonizaram a Reforma Universitária de 1918.

Diferentemente de outros intelectuais do seu tempo, como o peruano Mariátegui que reconheceu no Marxismo caminho a ser seguido com a finalidade de resolver os grandes

problemas nacionais peruanos, tendo se tornado, dessa forma, um pensador revolucionário, ou o brasileiro Alberto Torres foi um político tradicional, que depois escreveu contra as instituições nas quais atuou ocupando diversos cargos. Ingenieros não foi nem um revolucionário como Mariátegui nem tampouco um político como Alberto Torres. Sua preocupação no tocante a questão nacional estava dirigida para a busca de caminhos capazes de possibilitar a Argentina se tornar uma nação intelectual e culturalmente viva. Defendia Ingenieros que a Argentina deveria ter uma produção intelectual própria, livre dos cânones europeus e voltada para os problemas nacionais. Criticava a clivagem então existente entre o povo de um lado e oligarquia de outro. Uma cultura nacional seria o veículo mais eficiente de integração nacional.

A integração proposta por Ingenieros não objetivava atingir o conjunto das instituições. Ele não pretendia qualquer tipo de reforma nos níveis das instituições do Estado, tampouco preconizava reformas sociais. Uma vez que a Argentina já apresentava graus bastante satisfatórios de integração nacional tantos no tocante à questão do trabalho quanto à educação, saúde etc... Dessa forma a questão nacional estava referida para Ingenieros à necessidade de redefinição da identidade nacional. Era imprescindível a produção de uma cultura endógena e para isto dava a Universidade papel central nesse processo. A ela caberia se tornar um veículo de integração nacional e por esta razão Ingenieros deu ao movimento estudantil papel de destaque. Aliás, ressalte-se que foi Ingenieros o primeiro intelectual a dar enorme importância ao movimento estudantil. Para ele os estudantes não se constituíam num segmento puramente passivo, meros ouvintes dos professores. Ao contrário, tinham papel proeminente na construção de uma cultura nacional independente.

A questão da integração nacional para Ingenieros passava, portanto, por questões bastante diversas daquelas que inquietavam outros intelectuais latinoamericanos que escreviam à mesma época. Quando ele defendia a necessidade de uma produção cultural endógena como fator de integração nacional, ele se referia a um país, a Argentina, que apresentava diferenças extremamente significativas frente aos demais países da região. País como baixo grau de miscigenação étnica, fator este que por sua vez foi decisivo para a

existência de enorme dificuldade para definição da identidade cultural. A Argentina debatia-se para se definir como um país latinoamericano de pleno direito ou um enclave europeu na América Latina.

A noção de uma Argentina européia apoiava-se em dados concretos, quais sejam: a rápida capitalização do pampa argentino e o processo migratório que deu a base de mão de obra necessária fizeram da Argentina um grande país exportador, gerando fluxos de renda sobre os quais foi possível construir um sistema educacional que só encontrava paralelo na Europa, sistema de transporte e comunicações que nada tinham a ver com a América Latina, ao mesmo tempo em que a urbanização fez de Buenos Aires uma das grandes capitais do mundo. A estabilidade político-institucional contrastava com a turbulência ou, pelo menos, percebida como tal, dos outros países da região. Era a Europa transplantada.

O modelo civilizacional tinha, entretanto, seus pecados. O poder político era exercido por uma elite que, mesmo sendo culturalmente aberta, do ponto de vista social e político era excludente. O povo, esta invenção das democracias, estava de fora do jogo político, pelas práticas eleitorais fraudulentas e pela dificuldade de acesso dos imigrantes à cidadania. A União Cívica Radical, partido fundado nos anos 90 do século XIX, e que polarizava a oposição à oligarquia, não tinha passagem. Uma oligarquia prepotente, que se gabava da ordem estável e do cosmopolitismo cultural de Buenos Aires, mas que não gostava do povo fechou o acesso deste ao poder.

Mais cedo que no resto da América Latina o impasse entre povo e oligarquia foi provisoriamente resolvido. Em 1916 o radicalismo chegou à Casa Rosada. Durante os catorze anos em que ele governou, os elementos formadores de uma sociedade de massas começaram a ser gestados: estrutura associativa, pluralidade de opinião, imprensa livre, etc...Faltava, entretanto, um elemento essencial que se reproduziu no processo argentino durante todo o século XX e que consistia na diminuição necessária do nível de conflito entre os partidos. Entre radicais e conservadores não havia pacto, acordo ou consenso sobre praticamente nada. A elite Argentina continuou não admitindo o povo como parceiro no jogo político.

No interior deste cenário as idéias defendidas por Ingenieros encontraram solo fértil e a

Universidade de Córdoba, passou a ser o locus privilegiado onde os estudantes puseram em prática muitas das proposições de Ingenieros. Córdoba era uma Universidade do interior, na relação com a Universidade de Buenos Aires (UBA) que era a grande Universidade importadora de cultura. Os estudantes em Córdoba criticavam a estrutura colonial ainda vigente na Universidade e apresentavam propostas inovadoras como: gestão conjunta professores e alunos, além de defenderem uma Universidade que fosse produtora de cultura, uma cultura engajada, que tinha a ver com a realidade nacional argentina e com os problemas nacionais argentinos. Neste momento as idéias defendidas por Ingenieros encontravam eco nas propostas dos estudantes. Por outro lado a União Cívica Radical ao chegar ao poder via com simpatia uma mudança generalizada no modo como as Universidades funcionavam, já que através disso podia imprimir sua marca na política argentina, diferenciando-se dos conservadores até então no poder.

Ingenieros ao longo de sua obra defendia a importância de um pensamento endógeno e assim o fazia porque para ele até então as Universidades atuavam como simples receptoras, que nada produziam. Não havia, assim, uma cultura nacional. A Argentina era um país capaz de naquele momento ter acesso imediato a produção intelectual européia. A primeira tradução da obra de Marx, *O Capital* para o espanhol, por exemplo, foi feita na Argentina. O primeiro volume foi publicado na Europa em 1867 e no final dos anos de 1890 este já estava sendo traduzido em Buenos Aires, (em 1898 era publicado o primeiro volume) pelo chefe do Partido Socialista. A Argentina era, portanto, um país que estava completamente em dia com o que se produzia na Europa. Mas, perguntava-se Ingenieros o que a cultura argentina lucrava com esta situação? Os argentinos eram um povo instruído, mas, e a cultura endógena, como ficava?

Quando nuestra raza llege a contar en su historia intelectual un filósofo platónico y artista como Emerson o aristotélico y cientista como Spencer habrá en su doctrina a no dudar algo nuevo y autóctono: a argentinidad. No quiere esto, decir que todo puede ser original en la obra do verdadero filósofo. La concepción sintética de La naturaleza e la elaboración de ideales humanos como resultado ultimo de nuestras experiencias es una obra de progresiva integración. Pero cada filósofo e cada raza al

constituir su mentalidad propia orienta en sentido nuevos la común sabiduría de su evo. Por eso décimo: la “argentinidad” es el sentido nuevo que la raza naciente en esta parte de él mundo podrá imprimir a la experiencia y a los ideales humanos⁹.

A reflexão desenvolvida por Ingenieros servia, em larga medida, no tocante ao papel da Universidade, para toda a América Latina. Qual o problema que ele identificava? Em primeiro lugar constatava que a Universidade na Argentina não era produtora de um pensamento autônomo, não obstante o fato de ser a Argentina o país mais desenvolvido no ponto de vista intelectual de toda a América Latina. Mas, não obstante as adversidades argentinas não eram focos de um pensamento que fosse próprio. A produção científica, por sua vez, não era fruto do trabalho de pesquisadores e investigadores argentinos. A Universidade importava e absorvia temas, conceitos e idéias produzidas nos grandes centros mundiais, a época localizados na Europa.

Ingenieros não defendia um nacionalismo cultural por oposição ao cosmopolitismo europeu. A questão era outra. Ele defendia que os intelectuais tinham que ter um compromisso com a problemática interna e desenvolver uma reflexão que servisse a resolução dos diferentes problemas que ocorressem nesse país. Ele não reclamava da importação ou mesmo da absorção acrítica, de fórmulas e linhas de pensamento em detrimento de uma cultura nacional. A questão dele ia mais longe do que isso. Ele procurava responder a seguinte pergunta: em que a intelectualidade argentina ajuda a solucionar os problemas especificamente argentinos? Partindo de outra pergunta, os problemas argentinos são iguais aos problemas que se encontram na Grã Bretanha, França, Alemanha? E sua resposta a essa segunda questão era negativa.

Afirmava que havia um conjunto de problemas que eram especificamente argentinos e que requeriam, portanto, um tratamento que fosse nacional e cuja reflexão fosse oriunda de um pensamento que fosse desenvolvido dentro da Argentina. Não seria trazendo fórmulas de fora ainda que a Argentina fosse à época o país mais desenvolvido intelectual e culturalmente e portanto a Argentina conhecia o que de mais novo estava sendo produzido na Europa, mas, isso nada tinha nada a ver com a realidade argentina.

“La nacionalidad argentina se está constituyendo como producto de causas distintas de las que determinaron la formación de las naciones orientales y europeas: otro es el medio y otra es la amalgama inicial. La naturaleza, los elementos étnicos refundidos en nueva raza, los Orígenes de su cultura, la evolución de los ideales directivos, todo que converge a caracterizar una mentalidad nacional, difiere en mucha parte de los modelos conocidos”¹⁰.

Afirmava Ingenieros que era impossível se realizar reflexões com os planos conceituais e as formas de pensamento produzidas na Europa sem nenhum processo crítico, sem nenhuma adaptação aos quadros nacionais argentinos. Era preciso que a Argentina criasse um núcleo cultural próprio. E nesse sentido a Universidade de Buenos Aires era indiretamente criticada porque funcionava como receptora das idéias européias difundindo-as para todo o país. Preconizava a imperiosa necessidade de uma reflexão nacional e distinta daquela recebida da Europa. Afirmava ele:

“Hay también una raza en formación, distinta de Ella, en esta América: su más robusto núcleo cultural es la Argentina. Cuando haya perfilado su personalidad, ¿por que? no dará algún sentido nuevo al pensamiento humano? Ese porvenir podemos inferirlo de su pasado ideológico, que constituye apenas un presente. Un breve examen nos permitirá advertir que en nuestra raza no han arraigado gérmenes seniles: sus manos están libres para, en la hora oportuna, asir la antorcha de la cultura venidera”¹¹.

Ingenieros insistia na afirmativa de que a argentina foi construída de modo muito diferenciado daqueles que caracterizam os países europeus. Havia, portanto, uma cultura própria na Argentina, que pequena se comparada à européia, mas, que ainda assim não podia ser desconsiderada. Afinal, ao longo da história da humanidade a cultura variou de século em século e de povo para povo. E desta forma nenhuma sociedade humana conservou para sempre a hegemonia cultural. Nesses primeiros anos do século XX a hegemonia cultural estava passando para a América do Norte. Mas, isto não deveria impedir a Argentina de se dedicar a uma reflexão endógena.

Ao buscar reconstruir a trajetória latinoamericana e argentina em especial, destacava o fato de que com a colonização veio um sistema de idéias: a segunda escolástica. Esta por sua vez já havia sido expurgada da Europa pelo Renascimento, mas encontrara na América colonial solo fértil, tendo ainda recebido novo impulso da contra-reforma. A Espanha ficara, então, debatendo-se entre a inovação cultural e científica e a tradição representada pela manutenção dos ideais medievais engessados nas cátedras acadêmicas. Dessa forma, a cultura na América Latina ficara submetida a cânones já ultrapassados e a Universidade de Córdoba na Argentina era uma das principais representantes dessa situação. Mesmo quando no século XIX o país conquistava sua independência, Córdoba permanecia fiel as suas tradições e apenas tardiamente passou a receber influência de intelectuais europeus, não espanhóis.

Com laços tênues com relação a tradição, a Universidade de Buenos Aires se tornou mais aberta às idéias advindas da Europa, distanciando-se progressivamente da cultura escolástica recebida nos tempos coloniais. Na segunda metade do século XIX a Argentina vivenciava uma nova transformação cultural empreendida na presidência de Sarmiento. Revolução educacional então realizava pretendia distanciar a Argentina da tradição e nivelá-la com o que de mais moderno existia na Europa. O país então passou a receber professores, físicos, astrônomos estrangeiros. Em 1856 a Universidade de Córdoba passou por modificações significativas que buscavam torná-la menos presa ao passado escolástico. A pouco e pouco a filosofia escolástica era proscrita em prol da ciência.

A UBA, era a Universidade da grande cidade porto por onde chegavam os livros e onde intelectuais europeus desembarcavam. Nesse sentido, a atenção de Ingenieros se dirigia para o interior e neste sentido para a Universidade de Córdoba. Nesse sentido, ele via a possibilidade da produção de um pensamento argentino sendo feita na Universidade de Córdoba. Isto possibilitava deixar claro que a Argentina não era apenas Buenos Aires e ao mesmo tempo lançava sobre a Universidade de Córdoba a responsabilidade de produzir um pensamento que sem negar as matrizes intelectuais européias ou mesmo partindo dessas matrizes pudesse responder aos problemas e questões da cultura argentina.

Ingenieros via a universidade argentina como um ente passivo, que nada tinha a ver com o país. Professores e alunos preocupavam-se apenas em discutir idéias e conteúdos vindos da cultura européia. Os professores estrangeiros se dedicavam também a ensinar do mesmo modo como se ensinava na Europa e não tinham qualquer preocupação com o modo particular de ser da Argentina. Ele então defendia a necessidade de uma Universidade que estivesse inserida no país participando ativamente da cultura nacional e capaz de fazer reflexões próprias e a partir delas oferecer uma contribuição original à humanidade.

Defendia Ingenieros que mesmo se utilizando de um referencial conceitual europeu, os intelectuais e a Universidade deveriam se preocupar em pensar e discutir a Argentina. Ele preconizava por uma intelectualidade que não estivesse preocupada, apenas, em discutir as últimas novidades européias. Dessa forma, suas idéias tiveram papel fundamental no movimento estudantil que levou em 1918 a reforma universitária que iniciada na Universidade de Córdoba rapidamente se estendeu a todo o país bem como a boa parte da América Latina.

Ingenieros com sua defesa de uma identidade cultural endógena, contribuiu decisivamente para que o movimento estudantil se tornasse uma força ativa no processo de solução dos problemas nacionais. Afinal, a reflexão sobre os problemas nacionais já não mais seriam responsabilidade de intelectuais e/ou de professores universitários. A partir de então e tendo por base as idéias de Ingenieros, os estudantes e o movimento estudantil também seriam responsáveis por pensar e apresentar alternativas aos problemas nacionais. Dessa forma, ou os referenciais conceituais europeus seriam discutidos a partir da realidade latinoamericana ou para dar conta dessa realidade novos conceitos precisariam ser construídos.

Notas.

¹ Alberto Torres nasceu em Itaboraí (RJ), em 1865. Bacharelou-se pela Faculdade de Direito do Recife em 1885. Ingressou na carreira política, elegendo-se deputado estadual, (1892-1893) e em seguida deputado federal (1893-1896). No governo do presidente Prudente de Moraes assumiu a pasta da Justiça. Foi ainda presidente do Estado do Rio. Em abril de 1901, foi nomeado ministro do Supremo Tribunal Federal. Publicou em 1914, os livros *O problema nacional brasileiro* e *A organização*

nacional e, em 1915, *As fontes da vida no Brasil*. Faleceu em 1917, mas suas idéias foram discutidas intensamente na década de 1930.

² Francisco José de Oliveira Vianna nasceu em Saquarema, (RJ) em julho de 1883 e faleceu em Niterói em março de 1951. Cursou a Faculdade de Direito, tendo-se bacharelado em 1905. Através da atividade jornalística entrou em contato com Alberto Torres de quem recebeu forte influência intelectual para escrever o seu primeiro livro, *Populações meridionais do Brasil - volume I: Populações do Centro-Sul*, que terminou em 1918 e publicou em 1920. A partir da publicação do seu primeiro livro em São Paulo, sob os auspícios de Monteiro Lobato, tornou-se conhecido nacional e internacionalmente. Sobre o primeiro volume de *Populações meridionais do Brasil* escreveu o argentino José Ingenieros: "Pelo seu método, pelas suas idéias, pela sua erudição, tem-me parecido uma das obras mais notáveis no gênero que até agora foi escrita na América do Sul". Publicou a seguir os seguintes livros: *O idealismo da Constituição* (1920), *Pequenos estudos de psicologia social* (1921), *Evolução do povo brasileiro* (1923), *O ocaso do Império* (1925), *Problemas de política objetiva* (1930), *Formation ethnique du Brésil colonial* (1932), *Raça e assimilação* (1932). Depois da Revolução de 1930, Oliveira Vianna tornou-se consultor da Justiça do Trabalho, publicando, ainda: *Problemas de direito corporativo* (1938), *Problemas de direito sindical* (1943) e a coletânea de ensaios intitulada *Direito do trabalho e democracia social*. Outros escritos foram: *Instituições políticas brasileiras* (1949), *Problemas de organização e problemas de direção* (1952), *Introdução à história social da economia pré-capitalista no Brasil* (livro publicado postumamente em 1958), Foi membro correspondente de diversas entidades culturais, como: Instituto Internacional de Antropologia, Sociedade dos Americanistas de Paris, Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia, Academia Portuguesa de História, União Cultural Universal de Sevilha, Academia de Ciências sociais de Havana, Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, etc

³ José Carlos Mariátegui, nasceu em 14 de junho de 1894, em Moquegua, Peru. Em 909, com 15 anos de idade começa a trabalhar como entregador, linotipista e corretor de provas no jornal *La Prensa*. Dois anos após ingressar no jornal, envia anonimamente um artigo para o editor, que o publica para a surpresa de Mariátegui. A partir de então, passa a trabalhar na redação do jornal. De 1912 a 1916 executa um trabalho jornalístico, colaborando com diversas revistas peruanas. Em maio de 1919, ajuda a fundar o jornal *La Razón* e em setembro de 1926, publica o primeiro número da revista *Amauta*. Escreveu entre outras: 7 ensayos de Interpretación de la Realidad Peruana. 1929, *Ideologia y Política*, 1927.

⁴ Víctor Raúl Haya de la Torre nasceu em Trujillo a 22 de febrero de 1895 e faleceu em Lima a 2 de

agosto de 1979. Fundador do partido aprista, de tendência nacionalista fundado, que se tornou a maior força política do Peru. Presidente da Federación de Estudiantes Peruanos (1919), participou de movimentos estudantis e por opor-se ao regime de Augusto Leguía, teve de exilar-se no México (1923), de onde participou da fundação da Aliança Popular Revolucionária Americana, a APRA, cuja filosofia política baseava-se na oposição à interferência estrangeira na política peruana. Entre suas obras destacaram-se *Por la emancipación de América Latina* (1927), *Ideario y acción aprista* (1930) e *El antiimperialismo y el APRA* escrito em 1928 mas só publicado em 1935).

⁵ José Ingenieros nasceu em Palermo (IT) em abril de 1877 e faleceu em Buenos Aires em outubro de 1925. Médico, médico, psiquiatra, psicólogo, escritor e sociólogo. Seu livro "Evolução das idéias argentinas" marcou rumos no entendimento do desenvolvimento histórico da Argentina como nação. Se destacou por sua influência entre os estudantes que protagonizarão a Reforma Universitária de 1918. Em 1892, após ter finalizado seus estudos secundários, fundou o periódico *La Reforma*. Em 1903 a Academia Nacional de Medicina o premiou por *Simulación de la locura* (sequência de sua tese editada em livro). Converteu-se em um destacado membro da *Cátedra de Neurología* a cargo de José María Ramos Mejía e no *Servicio de Observación de Alienados de la Policía de la Capital*, do qual chegou a ser seu diretor. Entre 1902-1913 dirigiu os arquivos de Psiquiatria e Criminologia e assumiu o cargo do Instituto de Criminologia da Penitenciaria Nacional de Buenos Aires, alternando seu trabalho com conferências em universidades européias. Seus ensaios sociológicos, *El Hombre Mediocre* e ensaios críticos e políticos, como *Al margen de la ciencia*, *Hacia una moral sin dogmas*, *Las Fuerzas Morales*, *Evolución de las ideas argentinas* e *Los tiempos nuevos* tiveram um grande impacto no ensino universitário na Argentina e obtiveram uma grande adesão entre a juventude latinoamericana.

⁶ Queiróz, Paulo E. de S. *A sociologia política de Oliveira Viana*. São Paulo, Convívio, 1965. Santos, W.G. *Ordem burguesa e liberalismo político*. São Paulo: *Duas Cidades*, 1978, Amaro, E. *Oliveira Viana e o Estado Corporativo (um estudo sobre corporativismo e autoritarismo)*, São Paulo, Grijalbo, 1976, Lima, A. S *Alberto Torres e sua Obra* e Marson, A. *A ideologia nacionalista em Alberto Torres*. São Paulo: Ed. Nacional, 1935.

⁷ Ainda que haja pouco interesse na análise de pensadores hispano-americanos há que se destacar, os estudos produzidos Peixoto, A.C.. *Considerações sobre o pensamento conservador hispano-americano no século XIX*. *Revista internacional de estudos políticos*. Rio de Janeiro, v.2, n2, 2000, p.165-190 e Vargas, E. *O Legado do Discurso: Brasilidade e Hispanidade no Pensamento Social Brasileiro e Latino-Americano*. Brasília: Fundag, 2007.

⁸ Dentre os poucos estudos comparativos produzidos ressalte-se os de: Crespo, R. *Itinerários Intelectuales: Vasconcelos, Lobato y sus proyectos para la nación. México:UNAM, 2005. Pamplona, Marco Antonio.* “Ambigüidades do pensamento latino-americano: intelectuais e a idéia de nação na Argentina e no Brasil. *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, nº 32, 2003, p.1-32.

⁹ Ingenieros, José. *Las direcciones filosóficas de la cultura argentina. Eudeba, Buenos Aires, 1963, p.3.* (1ª ed 1914).

¹⁰ *IBIDEM.*

¹¹ *IBIDEM, P.6*